

Foi apresentado [17 de Junho] o *Instrumentum laboris* do SÍNODO PARA A AMAZÓNIA. A realidade das Igrejas locais alerta: **É necessário passar de uma Igreja que visita para uma Igreja que permanece, que possa oferecer a Eucaristia às suas comunidades.**



Documento de Trabalho do Sínodo:
"a Amazônia pede à Igreja
que seja sua aliada"

O mundo amazónico pede à Igreja que seja sua aliada: é esta a alma do **Documento de Trabalho** (*Instrumentum Laboris*), publicado na manhã desta segunda-feira (17 de junho), pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, e apresentado à imprensa.

O Documento é fruto de um processo de escuta que teve início com a visita do papa Francisco a Puerto Maldonado (Peru), em janeiro de 2018, e que prosseguiu com a consulta ao Povo de Deus, em toda a Região Amazónica, durante todo esse ano, tendo concluído com a II Reunião do Conselho Pré-Sinodal, em maio passado.

Ouvir, com Deus, o grito do povo; até respirar nele a vontade a que Deus nos chama

O território da Amazônia abrange uma parte do Brasil, da Bolívia, do Peru, do Equador, da Colômbia, da Venezuela, da Guiana, do Suriname e da Guiana Francesa, numa extensão de 7,8 milhões de km², no coração da América do Sul. As suas florestas cobrem, aproximadamente, 5,3 milhões de km², o que representa 40% da área de florestas tropicais do globo.

A primeira parte do Documento, “A voz da Amazônia”, apresenta-nos a realidade do território e dos seus povos. E começa pela vida e pela sua relação com a água e os grandes rios, que fluem como veias, da flora e fauna do território, como manancial dos seus povos, das suas culturas e expressões espirituais, alimentando a natureza, a vida e as culturas das

comunidades indígenas, camponesas, afrodescendentes, ribeirinhas e urbanas.

Vida ameaçada, ameaça integral

A vida na Amazônia está ameaçada pela destruição e exploração ambiental, pela violação sistemática dos mais elementares direitos humanos da sua população. De modo especial, a violação dos direitos dos povos indígenas, como o direito ao território, à autodeterminação, à demarcação dos territórios e à consulta e ao consentimento prévio.



Rios, manancial de povos, culturas e expressões espirituais na Amazônia

Segundo as comunidades participantes nesta escuta sinodal, a ameaça à vida deriva dos interesses económicos e políticos dos setores dominantes da sociedade atual, de forma especial, das empresas extrativas. Atualmente, a mudança climática e o aumento da intervenção humana (desflorestação, incêndios e alterações no uso do solo) estão a conduzir a Amazônia a um ponto de não-retorno, com altas taxas de desflorestação, deslocação forçada de populações e contaminação, pondo em perigo os seus ecossistemas, e exercendo pressão sobre as culturas locais.

O clamor da terra e dos pobres

Na segunda parte, o Documento analisa e apresenta sugestões sobre questões relativas à ecologia integral. Hoje, a Amazônia constitui uma formosura ferida e deformada, um lugar de dor e violência, como referem, de forma eloquente, os relatórios das Igrejas locais, recebidos pela Secretaria Geral do Sínodo. Reinam a violência, o caos e a corrupção.

“O território transformou-se num espaço de desencontros e de extermínio de povos, culturas e gerações.”

Há quem se sinta forçado a sair da sua terra; muitas vezes, cai nas malhas das redes das máfias, do narcotráfico e do tráfico de pessoas (mulheres, na sua maioria), do trabalho e da prostituição infantil. Trata-se de uma realidade trágica e complexa, que se desenrola à margem da lei e do direito.

Território da esperança e do “bem viver”

Os povos indígenas da Amazônia têm muito a ensinar-nos. Reconhecemos que, desde há milhares de anos, são eles que cuidam da sua terra, da água e da floresta, tendo conseguido preservá-las até hoje, a fim de que a humanidade possa usufruir dos dons gratuitos da criação divina. Os novos caminhos de evangelização devem ser construídos em diálogo com estas sabedorias ancestrais, em que se manifestam as sementes do Verbo.

Povos nas periferias

O Documento de Trabalho analisa também a situação dos Povos Indígenas em Isolamento Voluntário (PIAV). Segundo dados de instituições especializadas da Igreja (por ex., CIMI) e outras, no território da Amazônia existem de cento e dez a cento e trinta diferentes “povos livres”, que vivem à margem da sociedade, ou em contacto esporádico com ela. São vulneráveis perante as ameaças... do narcotráfico, de megaprojetos de infraestruturas, e de atividades ilegais ligadas ao modelo de desenvolvimento extrativo.



Pará, comunidade ribeirinha do Rio Tapajós

A Amazônia encontra-se entre as regiões com maior mobilidade interna e internacional na América Latina. De acordo com as estatísticas, a população urbana da Amazônia aumentou de modo exponencial; atualmente, de 70 a 80% da população reside nas cidades, que recebem, permanentemente, um elevado número de pessoas, e que não conseguem proporcionar os serviços básicos dos quais os migrantes necessitam. Embora tenha acompanhado este fluxo migratório, a Igreja deixou que, no interior da Amazônia, se criassem vazios pastorais que devem ser preenchidos.

Igreja profética na Amazônia: desafios e esperanças

Finalmente, a última parte do Documento de Trabalho convida os Padres Sinodais da Pan-Amazônia, a discutirem o segundo binário do tema proposto pelo papa: os novos caminhos para a Igreja na região.

Para ouvir e compartilhar:

Por falta de sacerdotes, as comunidades têm dificuldade de celebrar com frequência a Eucaristia. “A Igreja vive da Eucaristia”, e a Eucaristia edifica a Igreja. Por isso, pede-se que, em vez de deixar as comunidades sem a Eucaristia, se alterem os critérios de seleção e preparação dos ministros autorizados a celebrá-la. As comunidades pedem, ainda, uma especial atenção à apreciação, acompanhamento e promoção da piedade com que o povo pobre e simples expressa a sua fé, mediante imagens, símbolos, tradições, ritos e outros sacramentais. Trata-se da manifestação de uma sabedoria e espiritualidade, que constitui um autêntico lugar teológico, dotado de um enorme potencial evangelizador. Seria oportuno voltar a considerar a ideia de o exercício da jurisdição (poder de governo) dever estar vinculado, a todos os níveis, (sacramental, judicial e administrativo) e de forma permanente, ao sacramento da ordem.

Novos ministérios

Para além da pluralidade de culturas no interior da Amazônia, as distâncias dão origem a um grave problema

pastoral, que não se pode resolver, unicamente, com instrumentos mecânicos e tecnológicos. É necessário promover vocações autóctones de homens e mulheres, em resposta às necessidades de atenção pastoral-sacramental. Estamos a falar de indígenas que evangelizem outros indígenas, a partir de um profundo conhecimento da sua cultura e da sua língua, capazes de comunicar a mensagem do Evangelho, com a força e a eficácia de quem dispõe de uma bagagem cultural.

“É necessário passar de uma “Igreja que visita” para uma “Igreja que permanece”, acompanha e está presente, através de ministros provenientes dos seus próprios habitantes.”

Afirmando que o celibato é uma dádiva para a Igreja, pede-se que, para as áreas mais remotas da região, se estude a possibilidade da ordenação sacerdotal de pessoas idosas, de preferência indígenas, respeitadas e reconhecidas pela sua comunidade, mesmo que já tenham uma família constituída e estável, com a finalidade de assegurar os Sacramentos que acompanhem e sustentem a vida cristã.

Papel da mulher

Pede-se que se identifique o tipo de ministério oficial que pode ser conferido à mulher, tendo em consideração o papel central que ela, hoje, desempenha na Igreja amazônica. Reclama-se o reconhecimento das mulheres a partir dos seus carismas e talentos. São elas

a pedir para recuperar o espaço que Jesus lhes reservou, “onde todos/todas cabemos”. Propõe-se, inclusive, que às mulheres sejam garantidas funções de liderança, assim como espaços cada vez mais abrangentes e relevantes na área da formação: teologia, catequese, liturgia e escolas de fé e de política.

A vida consagrada

Propõe-se que se promova uma vida consagrada alternativa e profética, intercongregacional, interinstitucional, com o carisma de estar onde ninguém mais quer estar, e de ir para junto dos que ninguém mais quer acompanhar. Aconselha-se que a formação para a vida religiosa inclua processos formativos focados a partir da interculturalidade, inculturação e diálogo entre espiritualidades e cosmovisões amazônicas.

Ecumenismo

O Documento não deixa de pôr em relevo o importante fenômeno, a ter em consideração, do vertiginoso crescimento das recentes Igrejas evangélicas de origem pentecostal, especialmente nas periferias: “Elas mostram-nos outro modo de ser Igreja, onde o povo se sente protagonista, onde os fiéis se podem expressar livremente, sem censuras, dogmatismos, nem disciplinas rituais”.

Igreja e poder: caminho de cruz e martírio de muitos

Ser Igreja na Amazônia, de maneira

realista, significa abordar, profeticamente, o problema do poder, porque nesta região o povo não tem possibilidade de fazer valer os seus direitos, face aos grandes grupos económicos e instituições políticas. Atualmente, questionar o poder na defesa do território e dos direitos humanos significa arriscar a vida, abrindo um caminho de cruz e martírio. O número de mártires na Amazônia é alarmante (por ex., somente no Brasil, de 2003 a 2017, foram assassinados mil cento e dezanove indígenas por terem defendido os seus territórios).

“A Igreja não pode permanecer indiferente a este fenómeno, mas deve, pelo contrário, contribuir para a proteção das/dos defensores dos direitos humanos, e cultivar a memória dos seus mártires, entre os quais se contam mulheres líderes, como a Irmã Dorothy Stang.

Durante o percurso de construção do *Instrumentum Laboris*, ouviu-se a voz da Amazônia à luz da fé, com a intenção de responder ao clamor do povo e do território amazônico por uma ecologia integral e por novos caminhos para uma Igreja profética na Amazônia. Estas vozes amazônicas exortam o Sínodo dos Bispos a dar uma resposta renovada às diferentes situações, e a procurar novos caminhos que possibilitem um *kairós* para a Igreja e o mundo.

Cristiane Murray - Cidade do Vaticano

Nota da CNBB [Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros] sobre situação dos povos indígenas Wajãpi, no Amapá



A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB) acompanha, atentamente, o desenvolvimento da crise socioambiental que se vem agravando, e que atinge, de modo fatal, os povos da Amazônia, particularmente os indígenas.

A presidência da CNBB manifesta a sua preocupação, ao tomar conhecimento da morte do líder da etnia Wajãpi, ocorrida no dia 24 de julho, no Estado do Amapá. Reforça, também, o que o episcopado brasileiro referiu, na mensagem divulgada em maio deste ano, na sua 57ª Assembleia Nacional:

A presidência da CNBB manifesta a sua preocupação, ao tomar conhecimento da morte do líder da etnia Wajãpi, ocorrida no dia 24 de julho, no Estado do Amapá. Reforça, também, o que o episcopado brasileiro referiu, na mensagem divulgada em maio deste ano, na sua 57ª Assembleia Nacional:

"Precisamos de ser uma nação de irmãos e irmãs, e de eliminar qualquer tipo de discriminação, preconceito e ódio. Somos responsáveis uns pelos outros. Assim, quando os povos indígenas não são respeitados nos seus direitos e costumes, é neles que Cristo é desrespeitado: 'Sempre que o não fizestes a um destes mais insignificantes dos meus irmãos, foi a mim que o deixastes de fazer' (Mt 25,45). É grave a ameaça aos direitos dos povos indígenas assegurados na Constituição de 1988. O poder político e econômico não pode sobrepor-se a esses direitos, pois corre o risco de violação da Constituição. A mercantilização das terras indígenas e das ocupadas pelos habitantes dos quilombos, nasce do desejo desenfreado de quem ambiciona acumular riquezas. Nesse contexto, tanto as atividades de mineração e de extração de madeira, como o agronegócio, precisam de rever os seus conceitos de progresso, crescimento e desenvolvimento. Uma economia que coloca o lucro acima da pessoa, que produz exclusão e desigualdade social, é uma economia que mata, como nos alerta o papa Francisco (EG 53)".

Há de se encontrar caminhos para superar os processos que ameaçam a vida, pela destruição e exploração que depredam a Casa Comum e violam direitos humanos elementares da população. É preciso, assim, enfrentar a exploração desenfreada e construir um novo tempo, tempo de Deus, humanizado, na Amazônia.

Em solidariedade com a Igreja do Amapá e com o Regional Norte 2, já manifestada a D. Pedro José Conti, bispo diocesano de Macapá (AP), a CNBB reforça o seu compromisso com a promoção e defesa da vida em todas as suas formas e expressões, incluindo o respeito pela Natureza, na perspectiva de uma ecologia integral.

Brasília-DF, 29 de julho de 2019.

D. Walmor Oliveira de Azevedo, Arcebispo de Belo Horizonte – MG. Presidente da CNBB / **D. Jaime Spengler**, Arcebispo de Porto Alegre – RS, 1º Vice-Presidente da CNBB / **D. Mário Antônio da Silva**, Bispo de Roraima – RR, 2º Vice-Presidente da CNBB / **D. Joel Portella Amado**, Bispo Auxiliar de S. Sebastião do Rio de Janeiro – RJ, Secretário-Geral da CNBB



a Amazônia: nem selvagem, nem pulmão, nem celeiro do mundo

O Sínodo pan-amazônico que irá celebrar-se, em Roma, em outubro deste ano, exige de todos nós um melhor conhecimento do ecossistema amazônico. Há que desfazer certos mitos.

O primeiro mito: o indígena como selvagem e genuinamente natural e, por isso, em sintonia perfeita com a natureza. Regular-se-ia por critérios não-culturais, mas naturais. Viveria numa espécie de sesta biológica face à natureza, numa perfeita adaptação passiva aos ritmos e à lógica da natureza.

Esta ecologização dos indígenas é fruto do imaginário urbano, fatigado pelo excesso da tecnificação e de artificialização da vida.

O que podemos dizer é que os indígenas amazônicos são humanos, como quaisquer outros. E, como tais, estão sempre em interação com o meio. Cada vez mais a investigação comprova o jogo de interação entre os indígenas e a natureza. Condicionam-se mutuamente. As relações não são “naturais”, mas culturais, como as nossas, numa teia intrincada de reciprocidades. Talvez, neste campo, os indígenas tenham algo de singular e diferente do homem moderno: sentem e encaram a natureza como parte da sua sociedade e da sua cultura, como prolongamento do seu corpo pessoal e social. Ela não é, como para os modernos, um objeto mudo e neutro. A natureza fala, e o indígena entende a sua voz e a sua mensagem. A natureza pertence à sociedade, e a sociedade pertence à natureza. Estão sempre a adequar-se, mutuamente, uma à outra e em processo de adaptação recíproca. Por isso, eles são seres muito mais integrados do que nós. Temos muito a aprender da relação que cultivam com a natureza.

O segundo mito: a Amazônia é o pulmão do

mundo. Os especialistas afirmam que a floresta amazônica se encontra num estado clímax. Quer dizer, encontra-se num ótimo estado de vida, num equilíbrio dinâmico, no qual tudo é aproveitado e, por isso, tudo se equilibra. Assim, a energia fixada pelas plantas, mediante as interações da cadeia alimentar, atinge um aproveitamento total. O oxigénio libertado de dia, pela fotossíntese das folhas, é consumido pelas próprias plantas de noite, e pelos restantes organismos vivos. Por isso, a Amazônia não é o pulmão do mundo.

Funciona, porém, como um grande filtro do dióxido de carbono. No processo de fotossíntese, grande quantidade de carbono é absorvido. Ora o carbono é o principal causador do efeito estufa que aquece a terra (nos últimos cem anos aumentou 25%). Se um dia a Amazônia for totalmente desmatada, passarão a ser lançados na atmosfera cerca de

cinquenta mil milhões de toneladas de carbono por ano. Os organismos vivos serão vítimas de uma mortandade em massa.

O terceiro mito: a Amazónia como celeiro do mundo. Assim pensavam os primeiros exploradores, como von Humboldt e Bonpland, e os responsáveis brasileiros pelo planeamento, no tempo da ditadura militar (1964-1983). Não é. A investigação revelou que “a floresta vive de si mesma” e, em grande parte, “para si mesma” (cf. Baum, V., *Das Ökosystem der tropischen Regeswälder*, Giessen 1986, 39). É luxuriante, mas num solo pobre de húmus. Parece um paradoxo. Bem o esclareceu o grande especialista sobre a Amazónia Harald Sioli: “a floresta, cresce, de facto, sobre o solo e não do solo” (*A Amazónia*, Vozes 1985, 60). E explica o seu pensamento: o solo é, apenas, o suporte físico de uma trama intrincada de raízes. As plantas entrelaçam-se através das raízes e suportam-se, mutuamente, pela base. Forma-se um imenso balanço equilibrado e ritmado. Toda a floresta se move e dança. É devido a isso que, quando uma árvore é derrubada, ela arrasta várias outras consigo.

A floresta conserva o seu carácter luxuriante porque existe uma cadeia fechada de nutrientes. Há os materiais em decomposição no solo – a serapilheira – constituída por folhas, frutos, pequenas raízes, excrementos de animais selvagens. Os solos são enriquecidos pela água que goteja das folhas e pela água que escorre dos troncos. Não é o solo que nutre as árvores. São as árvores que nutrem o solo. Estes dois tipos de água lavam e transportam os excrementos dos animais arborícolas e animais de espécies maiores como aves, macacos, coatis, preguiças e outros, bem como a miríade de insetos que têm como habitat a copa das árvores. Existe, ainda, uma enorme quantidade de fungos e inumeráveis micro-organismos que, juntamente com os nutrientes, reabastecem as raízes. É pelas raízes que a substância alimentar sobe até às plantas, garantindo a exuberância extasiante da Hiléia amazónica. Trata-se, porém, de um sistema fechado, com um equilíbrio complexo e frágil. Qualquer pequeno desvio pode acarretar consequências desastrosas. O húmus não atinge,

habitualmente, mais do que trinta a quarenta centímetros de espessura. Com as chuvas torrenciais, ele é transportado para longe. Passado pouco tempo, a areia aflora à superfície. Sem a floresta, a Amazónia pode transformar-se numa imensa savana ou, mesmo, num deserto. É por isso que a Amazónia jamais poderá ser o celeiro do mundo. Mas continuará a ser o templo da maior biodiversidade.

Eis o que o especialista da Amazónia Shelton A. Davls constatava em 1978, e que tem ainda todo o valor nos dias de hoje: “Na bacia amazónica está, neste momento, a travar-se uma guerra silenciosa contra os povos indígenas, contra os camponeses inocentes e contra o ecossistema da floresta” (*Vítimas do milagre*, Zahar 1978, 202). Até 1968, a floresta permaneceu praticamente intacta. Desde então, com a introdução dos grandes projetos de hidroelétricas e do agronegócio e, atualmente, sob o antiecológismo do governo Bolsonaro, a brutalização e devastação da Amazónia continua.

LEONARDO BOFF